

DUDLEY E O DEMENTOR

O dia mais quente do Verão arrastava-se num silêncio longo e sonolento sobre as grandes casas geométricas de Privet Drive. Os carros, que habitualmente brilhavam, reluzentes, achavam-se agora estacionados, cobertos de pó, e os relvados, outrora verde-esmeralda, apresentavam-se amarelados e ressequidos, pois o uso das mangueiras fora proibido, devido à falta de água.

Os habitantes de Privet Drive, impedidos de recorrer às suas rotinas habituais de lavar os carros e tratar da relva, haviam-se retirado para a frescura das suas casas, as janelas totalmente abertas, num convite à brisa inexistente. A única pessoa que ficara cá fora era um adolescente que se encontrava deitado de costas num canteiro de flores, no jardim do número quatro.

Era um rapazinho magro e moreno, de óculos, com o ar aflito e levemente adoentado de alguém que crescera muito num curto espaço de tempo. Tinha os *jeans* sujos e rasgados, a *T-shirt* larga e desbotada e as solas dos ténis rotas. O aspecto de Harry Potter não agradava nada aos vizinhos, que eram o tipo de pessoas para quem vestir-se mal deveria ser punido por lei; todavia, como nessa tarde ele se escondera atrás de uma grande hidrângea, estava praticamente invisível para quem passava na rua. De facto, só o tio Vernon ou a tia Petúnia poderiam vê-lo, se pusessem a cabeça fora da janela da sala e olhassem para o canteiro, que ficava mesmo por baixo.

Pensando bem, tinha sido uma excelente ideia esconder-se ali. Não estaria propriamente confortável, deitado na terra dura e quente, mas assim ninguém ficava a olhar para ele com um ar irritado, a ranger os dentes tão alto que nem se conseguia ouvir as notícias, ou a fazer-lhe perguntas maldosas, como sucedera de todas as vezes em que tentara sentar-se na sala com os tios, a ver televisão.

De súbito, como se o seu pensamento tivesse voado para dentro de casa, Vernon Dursley, o tio de Harry, falou.

— Ainda bem que o rapaz nos deixou em paz. Por onde andará ele, afinal?

— Não sei — respondeu a tia Petúnia, sem se preocupar. — Em casa, não está.

— *A ver as notícias...* — O tio Vernon resmungou sarcasticamente. — Gostava de saber o que anda ele a tramar. Como se um rapaz normal se preocupasse com as notícias... O Dudley não faz a menor ideia do que se passa à sua volta. Duvido de que saiba, sequer, quem é o Primeiro-Ministro. De qualquer modo, ninguém vai falar da *gente dele* no noticiário.

— Vernon, shiu! — admoestou-o a tia Petúnia. — A janela está aberta.

— Ah, sim, desculpa, querida.

Os Dursleys calaram-se. Harry ouviu a música de um anúncio de cereais para o pequeno-almoço, enquanto observava Mrs. Figg, uma velhinha um pouco tonta e que adorava gatos. Seguiu para sua casa em Wisteria Walk, num passo tranquilo e vagaroso. Tinha a testa franzida e falava sozinha. Harry ficou contente por se ter escondido atrás do arbusto, pois ultimamente a velhota costumava convidá-lo para tomar chá sempre que o via na rua. Tinha acabado de desaparecer ao virar da esquina, quando a voz do tio Vernon se ouviu de novo através da janela aberta.

— O Dudders foi jantar fora?

— Sim, com os Polkisses — explicou a tia Petúnia com grande ingenuidade. — Tem tantos amiguinhos, é tão popular...

Harry conteve o riso com dificuldade. Os Dursleys eram incrivelmente estúpidos quando se tratava do filho, Dudley. Tinham engolido todas as suas mentiras idiotas sobre ir jantar todas as noites com um membro diferente do seu bando, durante as férias de Verão. Harry sabia perfeitamente que ele não tinha ido jantar com ninguém. Dudley e os amigos passavam as noites a vandalizar o parque infantil, a fumar pelas esquinas e a atirar pedras aos carros e às crianças que passavam. Tivera oportunidade de os ver em acção durante os seus passeios nocturnos por Little Whinging, já que passara a maior parte das férias a deambular pelas ruas e a procurar jornais nos caixotes do lixo.

As primeiras notas musicais que anunciavam o telejornal das sete chegaram aos ouvidos de Harry e o seu estômago revolveu-se. Talvez fosse hoje, após um mês inteiro de espera, talvez fosse esta noite.

— *Um número recorde de turistas em apuros enche os aeroportos espanhóis, enquanto a greve dos controladores de bagagem entra na sua segunda semana...*

— Dêem-lhes uma *siesta* definitiva. Era o que eu faria — resmungou o tio Vernon, cortando o fim da frase do jornalista. Lá fora, no canteiro das flores, o estômago de Harry pareceu descontrair-se. Se alguma coisa tivesse acontecido, teria certamente sido revelada no início do noticiário. A morte e a destruição eram mais importantes que turistas em apuros.

Soltou um profundo suspiro e olhou para o céu azul e brilhante. Fora um Verão cheio de nervosismo e expectativa, com alguns breves momentos de alívio, seguidos de nova tensão, que se tornava mais insistente sempre que perguntava a si próprio *por que motivo* ainda nada acontecera.

Continuou atento, não fosse surgir alguma pequena pista que os *Muggles* não reconhecessem como tal — um desaparecimento inexplicável, talvez, ou um acidente estranho... contudo, a seguir à greve dos controladores de bagagem vieram as notícias sobre a seca no sudeste de Inglaterra («Espero que o vizinho aqui do lado esteja a ouvir», gritara o tio Vernon. «Sempre a ligar o dispositivo de rega às três da manhã»), seguidas da informação de que um helicóptero quase se despenhara num campo do Surrey e das últimas sobre o divórcio de uma famosa atriz e do seu famoso marido. («Como se os seus assuntos sórdidos nos interessassem para alguma coisa», fungou a tia Petúnia, que seguira obsessivamente a história em todas as revistas a que conseguira deitar as suas mãos ossudas.)

Harry fechou os olhos devido ao brilho flamejante do céu no final da tarde, enquanto o jornalista dizia: «...e, por fim, o periquito Bungy descobriu uma nova maneira de se refrescar este Verão. Bungy, que vive nas «Cinco Penas» em Barnsley, aprendeu a fazer esquí aquático. A jornalista Mary Dorkins foi saber mais sobre o assunto.

Harry abriu os olhos. Se já tinham chegado ao esquí dos periquitos não havia, certamente, mais nenhuma notícia importante. Virou-se cautelosamente de bruços e começou a erguer-se, apoiado nos joelhos e nos cotovelos, preparando-se para se afastar da janela. Foi então que várias coisas aconteceram em rápida sucessão.

Um estampido agudo como um tiro ecoou, quebrando o silêncio; um gato saiu a correr de debaixo de um carro estacionado ali perto, desaparecendo de vista; e da sala dos Dursleys chegou-lhe um guincho, seguido de uma praga e do ruído de loiça a partir-se. Como se fosse aquele o sinal por que esperava, Harry pôs-se de pé num pulo, tirando ao mesmo tempo a varinha do cinto dos *jeans*, qual espada desembainhada. Contudo, antes de ter conseguido levantar-se completamente, bateu com a cabeça na janela

aberta, provocando um estrondo que fez a tia Petúnia gritar ainda mais alto.

Pareceu-lhe que a cabeça se tinha rachado ao meio. De olhos lacrimejantes, cambaleou, tentando concentrar-se na rua e perceber o que provocara o estampido, mas, nesse momento, duas grandes mãos arroxeadas saíram da janela e rodaram-lhe a garganta.

— Guarda já isso! — vociferou o tio Vernon ao ouvido de Harry. — Imediatamente! Antes que alguém a veja!

— Largue-me! — arfou Harry. Debateram-se durante alguns segundos, Harry puxando com a mão esquerda os dedos papudos do tio Vernon, enquanto segurava com a direita a varinha erguida. Por fim, quando a dor no alto da cabeça se tornava insuportável, o tio Vernon soltou um uivo, largando-o como se tivesse apanhado um choque eléctrico. Parecia que uma força invisível se espalhara pelo corpo do sobrinho, obrigando-o a largá-lo.

Quase sem fôlego, Harry caiu para trás, por cima da hidrângea, levantou-se e olhou em volta. Não havia sinal do que provocara o estampido, mas vários rostos espreitavam das janelas dos vizinhos. Harry guardou rapidamente a varinha nos *jeans* e tentou compor um ar inocente.

— Que bela noite! — gritou o tio Vernon, cumprimentando com um aceno a senhora do número sete que, furiosa, espreitava por trás das cortinas de filó. — Ouviu o estouro do carro que passou agora mesmo? Eu e a Petúnia apanhámos um susto dos diabos!

Continuou a sorrir como um maníaco até todos os vizinhos terem desaparecido das janelas, altura em que o sorriso se transformou num esgar de raiva, ao mesmo tempo que fazia sinal a Harry para se aproximar.

O sobrinho deu alguns passos em frente, tendo o cuidado de parar suficientemente longe das mãos estendidas do tio Vernon, prontas a estrangulá-lo de novo.

— Que raio de ideia é a tua, rapaz? — indagou o tio Vernon numa voz rouca e trémula de raiva.

— Qual ideia? — ripostou Harry friamente, sem deixar de olhar para um lado e para o outro na esperança de ver a pessoa que provocara o estampido.

— Lançar um estampido desses, que mais parecia um tiro de pistola, mesmo à porta da nossa c...

— Não fui eu quem fez esse ruído — defendeu-se Harry com firmeza.

O rosto magro e cavalor da tia Petúnia surgiu ao lado da cara gorda e roxa do tio Vernon. Estava lívida.

— Por que te escondeste debaixo da janela?

— Sim, sim, boa pergunta, Petúnia! *Que estavas a fazer debaixo da janela, rapaz?*

— A ouvir as notícias — respondeu Harry numa voz resignada.

O tio e a tia trocaram entre si olhares escandalizados.

— A ouvir as notícias! *Outra vez?*

— Bem, mudam todos os dias, não sei se sabem — retorquiu Harry.

— Não te armes em espertinho, rapaz! Quero saber o que andas a tramar e não me venhas outra vez com essa treta de queres ouvir as notícias. Sabes perfeitamente que *os da tua laia...*

— Cuidado, Vernon! — segredou-lhe a tia Petúnia. O tio baixou tanto a voz que Harry mal o conseguia ouvir. — ... que *os da tua laia* não aparecem nas *nossas* notícias!

— Isso é o que vocês pensam.

Os Dursleys olharam para ele de olhos esbugalhados e, em seguida, a tia Petúnia acusou-o:

— És um mentiroso nojento! Que andam todas essas — baixou também a voz, obrigando Harry a ler-lhe os lábios — *corujas* a fazer, a não ser trazer-te notícias?

— Aha! — exclamou o tio Vernon com um ar triunfante. — Aguenta-te com esta, rapaz! Como se nós não soubéssemos que essas aves pestilentas te trazem notícias.

Harry hesitou um momento. Não era fácil, desta vez, dizer a verdade, embora os tios não pudessem saber quanto custava admiti-lo.

— As corujas... não me têm trazido notícias — confessou com uma voz inexpressiva.

— Não acredito — afirmou de imediato a tia Petúnia.

— Nem eu — apoiou o tio Vernon energicamente.

— Sabemos que andas a tramar alguma coisa esquisita — continuou a tia Petúnia.

— Não somos estúpidos, sabes? — prosseguiu o tio.

— Bem, essa é nova — contrapôs Harry, cujo sangue estava a começar a aquecer e, antes que os Dursleys pudessem chamá-lo, já ele tinha atravessado o relvado, saltado o muro baixo do quintal e subido a rua, a correr.

Tinha consciência de que estava em apuros. Mais tarde ia ter de enfrentar os tios e pagar o preço de ter sido mal-educado, mas, de momento, não estava muito preocupado com isso. Tinha questões bastantes mais prementes a ocuparem-lhe o espírito.

Harry sabia, sem sombra de dúvida, que aquele estampido fora provocado por alguém Materializando-se e Desmaterializando-se logo em seguida. Era precisamente o som que Dobby, o elfo doméstico, provocava quando desaparecia de repente. Seria possível que Dobby estivesse ali, em Privet Drive? Estaria a segui-lo naquele preciso momento? Mal este pensamento lhe perpassou pelo espírito, Harry deu meia volta e esquadrinhou Privet Drive, mas a rua estava totalmente deserta e Harry tinha a certeza de que Dobby não era capaz de se tornar invisível.

Continuou em frente, sem grande consciência do caminho, pois nos últimos tempos calcorrera tantas vezes aquelas ruas que os seus pés o levavam já automaticamente aos seus lugares preferidos. Ia olhando regularmente para trás, por cima do ombro, pois tinha a certeza de que uma criatura mágica desconhecida estivera perto de si, quando se escondera entre as begónias moribundas da tia Petúnia. Por que não lhe teria falado? Por que não teria estabelecido contacto? Por que se esconderia agora?

E então, no momento em que o seu sentimento de frustração atingia o auge, todas as certezas o abandonaram.

Talvez não se tivesse tratado de um som mágico. Talvez a sua ânsia desesperada por um sinal do mundo a que pertencia o tivesse levado a interpretar erradamente um ruído perfeitamente normal. Como podia estar tão seguro de que não fora qualquer coisa a partir-se numa das casas mais próximas?

Harry experimentou uma sensação de vazio no estômago e, subitamente, foi de novo assaltado pelo sentimento de desespero que o perseguira durante todo o Verão.

Na manhã seguinte seria acordado pelo despertador às cinco da manhã para poder pagar à coruja que distribuía *O Profeta Diário*, mas valeria a pena continuar a lê-lo? Ultimamente, Harry limitava-se a ler a primeira página, deitando-o fora logo a seguir. Quando os idiotas que dirigiam o jornal se apercebessem de que Voldemort havia regressado, a notícia teria direito a grandes cabeçalhos e apenas isso lhe interessava.

Se tivesse sorte, receberia também corujas com cartas dos seus melhores amigos, Ron e Hermione, embora já tivesse perdido a esperança de que essas cartas lhe dissessem algo de verdadeiramente novo.

Não podemos dizer-te grande coisa sobre aquilo que tu sabes, como é óbvio... Aconselham-nos a não contar nada importante, não vão as cartas extraviar-se... Temos andado muito ocupados, mas não posso dar-te por-

menores... *Têm acontecido muitas coisas, contar-te-emos tudo quando estivermos juntos...*

Mas quando seria isso? Ninguém parecia muito preocupado com a data. Hermione escrevera no seu cartão de parabéns *Espero ver-te muito em breve*, mas quando seria esse *muito em breve*? Tanto quanto podia perceber pelas vagas alusões das cartas, Hermione e Ron estavam juntos, provavelmente em casa dos pais de Ron. Era-lhe insuportável imaginá-los a divertirem-se n'A Toca, enquanto ele estava ali preso em Privet Drive. A verdade é que a sua irritação era tanta que deitara fora, sem sequer abrir, as duas caixas de chocolates dos Doces dos Duques que eles lhe tinham mandado de presente de aniversário. Claro está que se arrependeu, quando teve de comer a salada murcha que a tia Petúnia preparou para o jantar.

Mas com que andariam Ron e Hermione tão ocupados? Por que não teria ele, Harry, nada que fazer? Não se mostrara, afinal, capaz de fazer muito mais que os amigos? Ter-se-iam esquecido dos seus feitos? Não fora *ele* quem entrara naquele cemitério e vira Cedric ser assassinado, sendo depois amarrado a uma lápide e quase morrendo?

Não penses nisso, disse de si para consigo pela centésima vez nesse Verão. Já lhe bastava ter de visitar o cemitério nos seus pesadelos, quanto mais ser obrigado a pensar nisso quando estava acordado.

Virou a esquina para Magnolia Crescent. No caminho, passou pela ruela estreita junto de uma garagem, onde vira, pela primeira vez, o seu padrinho. Sirius, pelo menos, parecia compreender o que ele sentia. É certo que as suas cartas eram tão destituídas de notícias decentes quanto as de Ron e Hermione, mas, pelo menos, traziam-lhe palavras de aviso e conforto, em vez de *alusões* que apenas serviam para o atormentar: *Sei que deve ser frustrante para ti... não arranjes problemas e tudo correrá bem... tem cuidado e não faças nada imprudente...*

Enquanto atravessava Magnolia Crescent e virava para Magnolia Road, dirigindo-se ao parque infantil, que escurecia rapidamente, Harry ia pensando que, de uma maneira geral, seguira os conselhos de Sirius. Resistira, pelo menos, à tentação de amarrar o malão à vassoura e arrancar sozinho em direcção à Toca. A verdade, pensava, é que o seu comportamento fora excelente, tendo em conta a frustração e a raiva que sentia, ali preso em Privet Drive há tanto tempo, obrigado a esconder-se nos canteiros de flores, na esperança de ouvir alguma coisa que lhe indicasse o que Lord Voldemort andava a fazer. Contudo, era bastante vexatório aceitar que Sirius

lhe dissesse para não ser imprudente, o mesmo Sirius, que cumprira uma pena de doze anos na prisão de feiticeiros de Azkaban, que se evadira, tentara cometer o crime pelo qual fora previamente condenado e acabara por fugir com um Hipógrifo que não lhe pertencia.

Harry saltou o portão fechado e avançou pela relva ressequida. O parque achava-se tão vazio quanto as ruas circundantes. Quando chegou aos baloiços, afundou-se no único que Dudley e os amigos não tinham conseguido destruir, passou um braço em volta da corrente e olhou, taciturno, para o chão. Não poderia voltar a esconder-se no canteiro de flores dos Dursleys. No dia seguinte, teria de pensar noutra maneira de ouvir as notícias. Até lá, aguardava-o uma noite agitada e sem repouso, pois mesmo quando escapava aos pesadelos sobre Cedric, tinha sonhos perturbadores sobre corredores longos e escuros que terminavam sempre em becos sem saída e portas fechadas, sonhos esses que eram certamente o reflexo da sensação de aprisionamento que o perseguia quando acordado. A sua velha cicatriz provocava-lhe muitas vezes uma desagradável sensação de formigueiro, mas não se iludia, acreditando que Ron, Hermione ou Sirius se interessassem ainda por esse facto. No passado, a dor na cicatriz fora um aviso de que Voldemort estava a recuperar a sua força, mas, agora que Voldemort voltara, eles recordar-lhe-iam, certamente que aquele assomo habitual era coisa normal... nada com que valesse a pena preocupar-se...

O sentimento de injustiça brotou de tal modo do seu peito que lhe apeteceu gritar de raiva. Se não fosse ele, ninguém teria sabido do regresso de Voldemort! E a recompensa fora ficar preso em Little Whinging durante quatro semanas inteiras, totalmente afastado do mundo mágico, obrigado a acocorar-se entre begónias moribundas para ouvir notícias sobre periquitos a praticarem esqui aquático. Como era possível que Dumbledore o tivesse esquecido tão facilmente? Por que motivo Ron e Hermione se tinham encontrado, sem o terem convidado também? Quanto tempo mais teria de aguentar as mensagens de Sirius a dizer-lhe que ficasse sossegado como um bom menino, resistindo à tentação de escrever à porcaria d'*O Profeta Diário* a informar de que Voldemort regressara? Estes pensamentos irados rodopiavam na sua cabeça e contorciam-lhe as entranhas, enquanto a noite opressiva e aveludada caía à sua volta, o ar impregnado de um cheiro quente a relva seca, tendo como único som o rumor abafado do trânsito para além do gradeamento do parque.

Não se apercebeu de quanto tempo estivera ali, sentado no baloiço, até que várias vozes lhe interromperam os pensamentos,

obrigando-o a olhar para cima. Os candeeiros das ruas mais próximas projectavam uma luz difusa, suficientemente forte para iluminar um grupo de rapazes que se aventurava pelo meio do parque. Um deles cantarolava em voz alta uma canção ordinária. Os outros riam-se. Ouvia-se o suave *tic tic* das várias bicicletas de corrida topo de gama que traziam consigo.

Harry sabia quem eram. A silhueta da frente era inequivocamente a do seu primo Dudley Dursley, que se dirigia para casa acompanhado do seu fiel bando.

Dudley continuava muitíssimo corpulento, mas um ano de dieta rigorosa e a descoberta de um novo talento tinham provocado uma grande mudança no seu aspecto físico. Como o tio Vernon comunicara satisfeitíssimo a quem o quisera ouvir, Dudley tornara-se recentemente campeão de boxe de pesos pesados das escolas do Sudeste de Inglaterra, na categoria de juniores. O «desporto nobre», como lhe chamava o tio Vernon, transformara Dudley numa criatura ainda mais colossal do que parecera a Harry nos tempos da instrução primária, quando lhe servira de saco de pancada. Harry já não tinha medo do primo, mas continuava a pensar que o facto de Dudley ter aprendido a bater com mais força e precisão era fraco motivo para celebrações. As crianças das redondezas tinham terror dele, mais ainda do que tinham tido do «jovem Potter», que lhes haviam dito ser um rufia inveterado, que estudava em São Brutus, um centro para rapazes marginais sem recuperação.

Harry viu as figuras sombrias atravessarem a relva e perguntou-se quem teriam estado a espancar nessa noite. Olhando em volta, deu consigo a pensar: *Vá lá... Olhem para mim... estou aqui sozinho... Venham tentar bater-me...*

Se os amigos de Dudley o vissem ali sentado, iriam certamente direitinhos a ele. Que faria, então, o primo? Não gostaria de fazer má figura, mas tinha pavor de provocar Harry... Seria bem divertido assistir ao dilema de Dudley, gozando-o e ficando a vê-lo, impedido de reagir... e se algum dos outros tentasse bater-lhe, ele estava pronto, tinha consigo a varinha. Eles que tentassem... Adoraria poder descarregar a sua frustração naqueles rapazes que, em tempos, lhe tinham infernizado a existência.

Eles, porém, não olharam para trás, não o viram, estavam quase a chegar ao gradeamento. Harry controlou o impulso de os chamar... provocar uma briga não era lá muito inteligente... não podia usar magia... arriscar-se-ia novamente a ser expulso.

As vozes dos membros do bando de Dudley, que seguiam por Magnolia Road, ouviam-se agora muito ao longe e Harry já os perdera de vista.

«*Aí tens, Sirius*», pensou com ar soturno. «*Nada de imprudências, não arranjei problemas, fiz exactamente o contrário do que tu terias feito.*»

Pôs-se de pé e espreguiçou-se. Para a tia Petúnia e para o tio Vernon, quando o Dudley chegava, era sempre boa hora de chegar a casa e, depois disso, era tardíssimo. O tio Vernon ameaçara trancar Harry na arrecadação se ele voltasse a aparecer depois do primo, por isso, reprimindo um bocejo e ainda mal-humorado, Harry dirigiu-se ao portão do parque.

À semelhança de Privet Drive, Magnolia Road estava cheia de casas grandes e geométricas, com relvados impecavelmente aparados, cujos donos eram grandes e tacanhos e conduziam carros semelhantes ao do tio Vernon. Harry preferia Little Whinging à noite, quando as janelas com cortinas pareciam retalhos de luz colorida na escuridão e ele não corria o risco de ouvir, quando passava, segredinhos irónicos sobre o seu aspecto de delinquente. Assim, caminhava apressado, quando, a meio de Magnolia Road, o bando de Dudley entrou novamente no seu ângulo de visão. Os rufias despediam-se no topo de Magnolia Crescent. Harry parou debaixo de uma grande árvore de lilás e ficou à espera.

— ... Guinchava como um porco, o gajo — dizia Malcolm por entre as gargalhadas grosseiras dos outros.

— Belo gancho com a direita, Dudão — elogiava Piers.

— Amanhã, à mesma hora? — perguntou Dudley.

— Todos na minha casa. Os meus pais vão sair — comunicou-lhes Gordon.

— Então, até amanhã — disse o Dudley.

— Tchau, Dud.

— Adeus, Dudão.

Harry esperou que o resto do grupo se afastasse antes de avançar. Quando as vozes se esbateram ao longe, virou para Magnolia Crescent e, numa passada larga, depressa galgou a distância que o separava de Dudley, que deambulava com toda a calma, cantarolando desafinadamente.

— Oi, Dudão!

Dudley voltou-se.

— Ah! — rosnou. — És tu!

— Há quanto tempo és o Dudão? — perguntou Harry.

— Cala a boca! — resmungou Dudley, virando-lhe as costas.

— Um nome muito fixe — disse Harry, rindo e acertando o passo com o do primo — mas, para mim, hás-de ser sempre o Duduzinho.

— Já te disse para te CALARES! — gritou Dudley, cujas mãos cor de presunto se haviam cerrado.

— Os teus amigos não sabem como a tua mãe te chama?

— Bico calado.

— A ela não lhe dizes «bico calado». Então, importas-te que te trate por Fofinho e Dudu lindo?

Dudley não respondeu. O esforço para não bater em Harry parecia exigir todo o seu autocontrolo.

— Então, diz lá, quem foi que espancaram hoje? — perguntou Harry com o sorriso a desaparecer-lhe do rosto. — Outro miúdo de dez anos? Sei muito bem o que fizeram ao Mark Evans anteontem.

— Ele estava a pedi-las — rosnou Dudley.

— Ah, sim?

— Faltou-me ao respeito.

— A sério? Disse-te que pareces um porco a quem ensinaram a andar nas patas de trás? Porque isso não é faltar ao respeito, Dud, é dizer a verdade.

Um músculo tremia na queixada de Dudley, e Harry sentiu-se imensamente satisfeito ao constatar até que ponto conseguia enfurecê-lo. Era como se despejasse toda a sua frustração sobre o primo, a sua única possibilidade de *escoamento*.

Voltaram à direita para a estreita ruela onde Harry vira Sirius pela primeira vez e que formava um atalho entre Magnolia Road e Wisteria Walk. Estava vazia e muito mais escura do que as outras ruas, devido à ausência de candeeiros. Os passos eram abafados pelas portas das garagens de um lado, e por uma alta vedação do outro.

— Achas-te um grande homem por trazeres essa coisa contigo, não achas? — indagou Dudley passados alguns segundos.

— Qual coisa?

— Isso, isso que estás a esconder.

Harry sorriu de novo.

— Não és tão estúpido como pareces, pois não, Dud? É claro que, se o fosses, não conseguirias andar e falar ao mesmo tempo.

Harry sacou da varinha. Viu Dudley mirá-la pelo canto do olho.

— Não te é permitido — atirou-lhe Dudley de imediato. — Sei que não é. Podes ser expulso daquela escola esquisita onde andas.

— Como sabes se não mudaram as regras, Dudão?

— Não mudaram nada! — insistiu Dudley num tom muito pouco convicto.

Harry riu-se baixinho.

— Não tens coragem de me enfrentar sem essa coisa, pois não? — vociferou Dudley.

— E tu precisas da protecção de quatro rufias para dar uma sova a um miúdo de dez anos! Quanto a esse título de boxe de que tanto falas, que idade tinha o teu adversário? Sete anos? Oito?

— Dezasseis, para tua informação, e ficou sem sentidos durante vinte minutos depois de eu lhe ter tratado da saúde, e tinha o dobro do teu tamanho. Espera só até eu dizer ao meu pai que andavas com essa coisa...

— A fazer queixinhas ao papá, é? Estará o Duduzinho, grande campeão de boxe, com medo da varinha mázona do Harry?

— Não és lá muito corajoso à noite, pois não? — provocou-o o primo.

— Agora é de noite, Duduzinho. Noite é quando tudo fica escuro, sabes?

— Quero dizer, quando estás na cama!

Dudley deixara de andar, e Harry parou também, olhando fixamente para o primo. Apesar da falta de luz, conseguiu detectar-lhe no rosto um estranho olhar triunfante.

— Que queres dizer com isso de eu não ter coragem quando estou deitado? — perguntou Harry totalmente perplexo. — De que queres que tenha medo, das almofadas?

— Ouvi-te ontem à noite — declarou Dudley avidamente —, a falar enquanto dormias, a *gerner*.

— Que queres dizer com isso? — insistiu Harry, sentindo já um frio e um aperto no estômago. Na noite passada revisitara, em sonhos, o cemitério.

Dudley deu uma gargalhada seca e desagradável, adoptando em seguida um tom de voz agudo e choramingas.

— «Não mate o Cedric! Não mate o Cedric!» Quem é o Cedric, afinal, o teu namorado?

— Eu... estás a mentir — acusou-o Harry automaticamente, com a boca seca. Sabia que Dudley falava verdade. Como poderia ele saber do Cedric?

— «Pai, ajude-me, pai! Ele vai matar-me, pai!» Buuuu!

— Cala-te — ordenou-lhe Harry baixinho. — Cala-te, Dudley, estou a avisar-te.

— «Pai, mãe, venham ajudar-me! Ele matou o Cedric, pai, ajude-me, ele vai...» *Não me apontes essa coisa!*

Dudley recuou, encostando-se à parede. Harry apontava-lhe a varinha directamente ao coração, sentindo a raiva que ele lhe provocara durante catorze anos a pulsar-lhe nas veias. Quanto não daria para poder enfeitá-lo naquele momento, fazê-lo voltar para casa de rastos, como um insecto, mudo, e com antenas a brotarem-lhe do corpo.

— Nunca mais me fales assim — ameaçou Harry. — Percebeste?

— Aponta isso para outro lado.

— Perguntei se percebeste?

— *Aponta isso para outro lado.*

— PERCEBESTE?

— AFASTA ISSO DE...

Dudley deu um grito descomunal e arrepiante, como se tivesse sido mergulhado em água gelada.

Alguma coisa acontecera à noite. O céu azul-violeta, salpicado de estrelas, tingira-se repentinamente de um negro de breu e as estrelas, a lua, a luz difusa dos candeeiros de ambos os lados da pequena rua, tinham desaparecido. O zumbido distante dos carros e o susurro das árvores haviam cessado. A noite amena ganhara subitamente um frio agudo e cortante, e a escuridão total, impenetrável e silenciosa rodeava-os, como se a mão de um gigante tivesse lançado um manto espesso e gelado sobre a rua, cegando-os por completo.

Durante uma fracção de segundo Harry pensou que, apesar de todos os seus esforços em contrário, fizera uma magia qualquer, sem dar por isso, mas depois caiu em si. Não tinha poder suficiente para apagar as estrelas. Voltou a cabeça para um lado e para o outro, tentando enxergar alguma coisa, mas a escuridão pressionava-lhe os olhos como um véu levíssimo.

A voz horrorizada de Dudley vibrou nos seus ouvidos.

— Que e-estás tu a f-fazer? P-pára com isso.

— Não estou a fazer nada. Fica calado e não te mexas.

— Não v-vejo nada, f-fiquei cego, eu...

— Cala-te!

Harry imobilizou-se, voltando os olhos sem visão para um lado e para o outro. O frio era tão intenso que tremia dos pés à cabeça, tinha os braços em pele de galinha e os pêlos do pescoço todos em pé. Arregalou os olhos sem conseguir ver nada em volta.

Era impossível... eles não poderiam estar ali, em Little Whinging... apurou os ouvidos... certamente ouvi-los-ia antes de os ver.

— Vou c-contar ao meu pai — choramingou Dudley. — O-
-onde estás? O que estás a fa...?

— Queres-te calar? — murmurou Harry entredentes. — Estou
a tentar ouv...

Mas não acabou a frase, pois ouvira justamente o que mais re-
ceava.

Além de si próprio e do primo, havia mais alguma coisa na ruela,
alguma coisa que respirava lenta e ruidosamente. Harry sentiu um
tremendo arrepio de pavor, não conseguindo parar de tremer,
envolto pelo ar gélido.

— P-pára com isso, p-pára ou apanhas. Juro que te dou uma
sova.

— Dudley, está calado...

ZÁS!

Um punho acertou-lhe de um dos lados da cabeça, desequili-
brando-o. Harry viu uma imensidão de pequenas luzes saltitarem
em frente dos seus olhos e, pela segunda vez em menos de uma
hora, pareceu-lhe que a cabeça se abrira ao meio. Logo a seguir,
estatelou-se no empedrado e a varinha saltou-lhe da mão.

— És um mentecapto, Dudley! — gritou, os olhos lacrimejando
de dor, enquanto gatinhava, tacteando nervosamente no escuro.
Ouviu o primo afastar-se, bater no gradeamento e tropeçar.

— DUDLEY, VOLTA AQUI, VAIS DIREITO A ELES!

Ouviu-se um guincho horrível e os passos de Dudley pararam.
Nesse preciso momento, Harry sentiu um frio pavoroso atrás de si
que só poderia significar uma coisa: era mais do que um.

— DUDLEY, FICA CALADO! FAÇAS O QUE FIZERES, FICA
CALADO! Varinha! — murmurou aflito, as mãos varrendo o chão
como aranhas. — Onde está a varinha, vá lá, *lumos!*

Pronunciou o feitiço automaticamente, na busca desesperada de
uma luz que o ajudasse a encontrar a varinha e, para seu grande alí-
vio, a luz surgiu a poucos centímetros da sua mão direita. A ponta
da varinha iluminara-se. Harry agarrou-a, pôs-se de pé e voltou-se.

O seu estômago deu uma reviravolta.

Suspensa no ar, uma figura encapuzada deslizava suavemente na
sua direcção. Não se lhe via o rosto, nem os pés, apenas o manto.
Sugava o ar da noite, à medida que se aproximava.

Recuando aos tropeções, Harry ergueu a varinha.

— *Expecto patronum!*

Um feixe de vapor prateado saltou da varinha, e o Dementor abran-
dou, mas o feitiço não funcionou como devia. O Dementor aproxi-

mava-se rapidamente, enquanto Harry recuava, tropeçando nos pés, o pânico enevoando-lhe o cérebro... *concentra-te...*

Duas mãos cinzentas, viscosas e cheias de crostas, deslizaram para fora do manto, tentando agarrá-lo. Um ruído súbito encheu-lhe os ouvidos..

— *Expecto patronum!*

A sua voz ecoou vaga e distante. Outro feixe de fumo prateado, mais débil que o anterior, saltou da varinha. Já não conseguia fazê-lo, não conseguia fazer o feitiço.

Ouvia risos dentro da sua cabeça, gargalhadas estridentes... sentia o bafo pútrido dos Dementors, como o frio da morte, encher-lhe os pulmões, afogando-o. *Pensa... numa coisa boa...*

Mas não havia rasto de felicidade... os dedos gelados do Dementor fechavam-se em torno da sua garganta. O riso estridente era cada vez mais intenso e uma voz ecoou dentro de si: *Rende-te à morte, Harry... talvez nem seja assim tão doloroso... não sei... nunca morri...*

Nunca mais voltaria a ver o Ron e a Hermione...

E as caras deles surgiram claramente no seu espírito, enquanto lutava por respirar.

— *EXPECTO PATRONUM!*

Um enorme veado de prata brotou da ponta da varinha! As suas hastes cravaram-se no lugar onde deveria estar o coração do Dementor que, leve como a escuridão, foi projectado para trás. Quando o veado carregava de novo sobre ele, o Dementor esvoaçou para longe, como um morcego derrotado.

— POR AQUI! — gritou Harry ao veado e, dando meia volta, correu pela rua fora empunhando a varinha iluminada. — DUDLEY? DUDLEY!

Não tinha ainda dado uma dúzia de passos quando os alcançou. Dudley estava todo enrolado no chão, com os braços cruzados à frente do rosto. Um segundo Dementor, inclinado sobre ele, agarra-lhe os pulsos com as suas mãos nojentas, afastando-lhe lentamente os braços, num gesto quase amoroso, enquanto baixava a cabeça encapuzada, aproximando-a do rosto de Dudley, como se quisesse beijá-lo.

— ATACA! — gritou Harry. E, de imediato, o veado prateado que ele invocara arrancou a galope, com um bramido impetuoso. O rosto sem olhos do Dementor achava-se a poucos centímetros do de Dudley, quando as hastes do veado o perfuraram. A criatura foi arremessada pelos ares e, tal como o seu companheiro, absor-

vida pela escuridão. O veado, esse, galopou até ao fim da rua, dissolvendo-se numa bruma de prata.

A lua, as estrelas e os candeeiros voltaram à vida e uma brisa quente varreu a viela. O ar encheu-se de novo com o sussurro das árvores dos jardins mais próximos e o rumor dos carros em Magnolia Crescent.

Harry ficou muito quieto, todos os sentidos a vibrarem com o brusco regresso à normalidade. Passado um momento, apercebeu-se de que tinha a *T-shirt* colada ao corpo, alagado em suor.

Não queria acreditar no que acabava de acontecer. *Dementors ali*, em Little Whinging.

Dudley continuava enroscado no chão, a tremer e a choramingar. Harry inclinou-se para ver se ele estava em condições de se pôr de pé, mas foi então que ouviu os passos de alguém a correr atrás de si. Instintivamente, voltou a empunhar a varinha e deu meia volta, pronto a enfrentar o recém-chegado.

Mrs. Figg, a vizinha velhota e meio maluca, alcançara-o, quase sem fôlego e com o cabelo grisalho a escapar-se-lhe da rede. Um saco de compras, feito de ráfia, balouçava-lhe do pulso, retinindo energeticamente, e quase perdera as pantufas de tecido axadrezado. Harry tentou esconder rapidamente a varinha, mas...

— Não a guardes, rapazinho idiota! — guinchou. — E se houver mais *Dementors* por aí? Ah, eu mato o *Mundungus Fletcher*!